

ORIGENS DA PALAVRA *COMO*

Wandercy de Carvalho
Universidade Federal Fluminense

RESUMO: Meu propósito com esse texto é identificar e descrever as palavras latinas que derem origem ao vocábulo **como**, no português moderno. Para este fim, serão adotados os conceitos da linguística funcional e gramaticalização em vigor. O *corpus* é composto de duas conjunções latinas: *quom* > *cum* e *ut*; e dois advérbios: *qui* e *quomodo*. A conjunção subordinativa causal **como** tem origem na conjunção latina *cum* < *quom*, e o advérbio interrogativo latino *qui* permanece advérbio interrogativo no português, enquanto o advérbio *quomodo* > **como**, se deslocando para a classe das preposições. Com isso, constata-se que, no português atual, existem quatro palavras **como** convivendo simultaneamente.

PALAVRAS-CHAVE: Funcionalismo, gramaticalização, diacronia, *como*

ABSTRACT: *The aim of this text is to identify and describe the Latin words that were the origin of the word “como” (how) in modern Brazilian Portuguese. To do that, some concepts of functional linguistics and current grammaticalization are considered. The corpus is made of two Latin conjunctions: quom > cum e ut; and two adverbs: qui and quomodo. The subordinating conjunction of cause “como” has its origin in the Latin conjunction cum < quom and the Latin interrogative adverb qui remains an interrogative adverb in Portuguese, while the adverb quomodo > como, nowadays, is becoming a preposition. With that, it is verified that in current Portuguese there are four ‘official’ words “como” used simultaneously.*

KEYWORDS: *Functionalism, grammaticalization, diacronism, como*

Nesse texto será exposto o *percurso histórico* da palavra **como**, quando então ficarão explícitas as razões de essa palavra apresentar, na contemporaneidade, diversas acepções. A hipótese inicial é de que ela tem outras origens além do advérbio *quomodo*. Esta possibilidade foi levantada a partir da leitura dos próprios textos latinos, uma vez que, por exemplo, em *As Catilinárias*, de

Cícero, (106-43 a. C.), não aparece nenhuma ocorrência de *quomodo*. Nesse grupo de quatro discursos do célebre autor latino há outros vocábulo que são traduzíveis por **como**, mas nem todos são advérbios. Na realidade, são, também, conjunções. Este conjunto de palavras está assim identificado: *cum, ut, quod, quam, tanquam, quemadmodum*.

Com base em Ernoud e Meillet, (2001), Faria (1995), e Laurand (1921), foi possível constatar que, na realidade, existem quatro palavras latinas, que, aos poucos foram sendo traduzidas para o português na forma **como**, e talvez em razão do raro contato com aquelas antigas estruturas latinas, a palavra **como** acabou sendo aceita e se estabelecendo de modo a dar a impressão de que só existe uma origem: o advérbio *quomodo*; entretanto, conforme será mostrado, ele é apenas umas, dentre outras a dar origem ao item **como**.

Assim, para estas diversas palavras com a mesma estrutura não devem ser atribuído o conceito de *divergência*, e nem proposta a noção de *camadas*. Segundo Martelotta (1993) a divergência está relacionada a várias formas, *mas com a mesma origem etimológica*; da mesma forma, as diferentes *funções* de **como**, nos dias atuais, também não podem ser inseridas nas explicações de Hopper para o nível de camadas, porque, ainda conforme Martelotta (1993) e Furtado da Cunha (2003), também citando Hopper, o termo camadas aplica-se para “diferentes graus de gramaticalização em domínios similares”. Ex.: Diferentes formas de apresentar o futuro em português.

- 1) Amarei (forma padrão atual);
- 2) Vou amar (forma nova);
- 3) Vou estar amando (forma novíssima)
- 4) Amo amanhã.
- 5) Amo depois.

Portanto, a noção de camadas não pode ser aplicada à palavra **como**, porque toda vez que surge, ela apresenta um significado diferente. Conforme será mostrado, por não ter uma só etimologia, e nem várias formas, **como**, também, não se encaixa no conceito de *divergência*.

Ao vocábulo **como**, também parece não ser aplicável o conceitos de polissemia, visto que, na realidade, não se trata de uma só palavra em particular, mas sim, de quatro com igual característica física. As quatro palavras latinas que deram origem à estrutura **como** serão apresentadas ao longo desse texto.

- 1) Uma origem: *quom* > *cum* > **como**

Procurar a etimologia das palavras de categoria gramatical: preposição, advérbio e conjunção nunca chega a ser uma perda de tempo, ao contrário, é uma tarefa bem estimulante, porque a mesma acaba levando a resultados muito satisfatórios. Quem está envolvido com a tarefa é capaz de perceber a *história* que, por exemplo, uma preposição, carrega de si. E saber que uma palavra tem origem no indo-europeu, no sânscrito, no etrusco ou no umbro, é motivo para acreditar que até as palavras se juntam, se congregam a outras para ficarem mais fortes, e, assim, superarem as imprevisões do tempo.

Os advérbios, as conjunções e as preposições da língua portuguesa, na maioria das vezes, são resíduos de antigas palavras do indo-europeu, incluindo, dentre elas, as de categoria lexical: nomes, verbo, adjetivos: Segundo Laurand (1921), “Plusieurs conjonctions sont d’anciens cas du pronom relatif, thèmes *qui* et *quo* (l’indo-européen *q^wi et *q^wo): *quod*; *quia*; *quom* > *cum*”. (Muitas conjunções são antigos casos de pronomes relativos, de temas em *qui* e *qou* [do indo-europeu hipotético *q^wi e *q^wo] *quod*; *quia*; *quom* > *cum*).

Ainda, segundo Laurand, (*idem*, p. 665) “*cum* (*quom*) “accusatif masculin singulier du thème *quo-*,” *cum* (*quom*) é um (acusativo masculino singular de tema em *quo-*). Ernoud e Meillet, (2001:560), apresentam a síncope do **q**. “**quom** (puis **qu(o)m**, **cum**)”. “*Quom* (depois **qu(o)m**, *cum*)”.

Isso demonstra muito bem que o processo de *gramaticalização* vem de tempos remotos, não se trata da modernidade. Conforme será constatado ao longo desse texto, a palavra *cum*, no tempo de Cícero, era advérbio, preposição e conjunção; entretanto, em um tempo mais remoto da latinidade, a mesma palavra foi *um acusativo singular masculino de um pronome relativo*. A desinência *m* é grande indício dessa comprovação. Atestando a antiguidade deste elemento, Ernoud e Meillet (*idem*:561) acrescentam: “*quom* a un correspondant en osco-ombrien: *pisi-pumpi*. Et osco: *pún*; et umbro: *pune*”. (*quom* tem um correspondente em osco-umbro: *pisi-pumpi*. Sendo osco: *pún*; e umbro: *pune*).

A forma *quom*, que, em função de uma evolução fonética já exposta acima, resultou em *cum*, ainda é encontrada nos textos arcaicos latinos. Em o *Anfitrião*, de Plauto, existem quatro ocorrências de *quom*, e muitas outras no padrão em que esta palavra se estabeleceu em latim (*cum*). Com esses dados é possível dizer que na época de Plauto assinala o momento de transição ou substituição da estrutura *quom* para a forma *cum*. Ex.:

Jam aderit tempus quom sese etiam ipse oderit. (Plaut. Bacc., 417)

“Já se aproxima o tempo, um **momento em que** ele se odiará a si mesmo”.

Em Cícero, a conjunção *cum* aparece com muita frequência. Ex:

fulgentes gladios hostium uidebant Decii, cum in anciam eorum irruebant. (Cic. Tusc., 2, 59) “Os Décios viam as espadas reluzentes dos inimigos **no momento em que** (quando) se precipitavam para as fileiras dos referidos inimigos”.

Segundo Faria, (1962:266), *cum*, além de preverbo e preposição de ablativo indicando companhia no sentido próprio e figurado, é também *conjunção*:

a) temporal; b) causal; c) concessiva.

a) **No sentido temporal** (quando, no momento em que, logo que), (vide os dois exemplos acima). As orações com sentido temporal, como o próprio contexto favorece, exprimem noção de tempo. Conforme a conjunção usada, variada e complexa será esta noção, da mesma forma, o comportamento do verbo, o qual vai alternar-se tanto no que diz respeito ao tempo quanto ao modo. Ex.:

“**Quom** cogito, equidem certo idem sum qui semper fui.” (Plaut., Amphi. II,447).

“**Quando** penso, eu sou sempre o mesmo que sempre fui”.

“An, **cum** Italia vastabitur bello (**cum**) urbes vexabuntur, (**cum**) tecta ardebunt non existimas te conflagratorum (esse) tum incendio invidiae?” (Cic., In Cat., X, 29).

“Acaso, **quando** a Itália for destruída pela guerra, (**quando**) as cidades forem saqueadas, (**quando**) as casas arderem, não julgas que (tu) (também) hás de arder nessa ocasião numa fogueira de rancor?”

Ao estudar as proposições temporais Lipparini, (1961:233), destaca: “A conjunção temporal **cum** se encontra usada com o *indicativo* (geralmente presente, futuro e perfeito), quando indica simplesmente o tempo e significa *quando, no tempo em que, no momento em que (cum temporale)*.” O estudioso ainda fala da mesma conjunção temporal correspondendo a *quotiens*, equivalente a: “sempre que, toda vez que, (**cum iterativum**)”. Para esse mesmo autor:

A conjunção temporal **cum** rege o conjuntivo (subjuntivo), quando tem caráter essencialmente narrativo, i. e, quando introduz a narração de fatos ou de circunstâncias acessórias e concomitantes do fato principal, querendo indicar com isso não tanto o tempo, mas as circunstâncias que acompanham o fato principal, a sucessão dos acontecimentos e o nexa histórico dos mesmos. Em português traduzimos esse *cum* por ‘quando’, ‘como’. Lipparini, (1961:234).

No latim, a ideia de tempo na primitiva conjunção **como** é uma realidade. No entanto, a mesma parece ter tido um apogeu, depois decrescido e, por fim, desaparecido, visto que não chegou até os dias atuais. Quanto à permanência na língua do item *quom*, é possível acrescentar que esta conjunção já não é encontra em *As Catilinárias* de Cícero. Fato que assinala a substituição do vocábulo *quom* por *cum*.

b) **No sentido causal** (como, porque, já que, visto que). Ex.:

Cum *summus monsa Labieno teneretur; Cosidius, equo admissio, ad eum uenit.* (Cés., B. Gal., 1, 22, 1).

“**Como** (= **porque**) o cume da montanha estava em poder de Labiano, Cosídio, tendo recebido a cavalaria, foi ter com ele”.

No período clássico, a conjunção *cum* causal ocorre, na maioria das vezes, com verbos no imperfeito ou no subjuntivo, enquanto que, no período arcaico, o fato ocorria com verbos no indicativo, (cf.) Faria (1995:374). Observo ainda que esta noção causal, presente na conjunção *cum* > **como**, vai atravessar todos os períodos da história da língua latina e portuguesa até chegar à contemporaneidade.

Exemplo de **como** causal nas Cantigas de Santa Maria, século XIII.

“Esta é de loor de Santa Maria, **com**’ é fremeosa e boa e á gran poder”.

Esta (canção) é para louvar Santa Maria,

porque (= **com**’) ela é boa e formosa e tem grande poder

Exemplo de **como** causal em Gil Vicente, século XVI.

Diabo – Quem vem aí?

_ santo sapateiro honrado!

_ **como** (= porque) vens tão carregado?

_ mandaram-me vir assi ...

Vicente, (1980:116)

c) **Sentido concessivo** (ainda que, embora, posto que). Ex.:

“**Cum** *esset iam notus absentibus hac tanta celebritate famae, venit Roman, consule Mario et Catulo*”. (Cic. Pro Arc. III, 5).

(**Como** (= **embora**) já fosse conhecido dos ausentes com esta tão grande celebridade de fama, veio para Roma, sendo cônsul Mário e Catulo).

As orações concessivas são caracterizadas por fazer uma concessão relativa ao que foi dito na oração principal. Constituídas com verbos no modo indicativo ou no subjuntivo, elas se comportam segundo a conjunção que lhe servir de conectivo.

As três ocorrências acima com a conjunção *cum* > **como**, (sentido temporal, causal e concessivo), à época do latim, vão contribuir para a formação dessa complexa teia de significados que se encontra nessa palavra, nos dias de hoje. O quadro abaixo representa a semântica da palavra *cum*, conforme visto acima.

	Conjunção <i>cum</i> de Plauto a Cícero
Sentido	Causal Temporal Concessivo

Quadro 1 – valores semânticos da *conjunção cum* no latim.

Conforme visto acima, além de preposição de ablativo indicando noções de companhia, a palavra *cum* também ocorre como conjunção. Para Ernout e Meillet (2001:561) “*Cum* n’est pas seulement conjunction de subordination”. (*Cum* não é somente conjunção de subordinação). Tal aspecto acaba estabelecendo uma diacronia muito significativa para este vocábulo. No quadro 1 a palavra *cum* não foi incluída na função de preposição, porque esta não será aqui estudada, entretanto, acrescenta-se que ela é a mesma que evolui, foneticamente, para **com**, nos dias de hoje: (*cum* > **com**); e também (*cum* > **como**).

Coutinho, (1972:116), tratando da fonética histórica, quando aborda a questão referente às consoantes finais latinas, diz que apenas se conservaram em português, “as nasais, mas só como *ressonância nasal*, e isto nas palavras monossilábicas: *cum* > **com**; *in* > **em**; *quem* > quem; e outras”. Por outro lado, um estudo que seja capaz de apresentar o que motivou a evolução fonética de *cum* > **como**, além do já exposto acima por Ernout e Meillet, não foi encontrado. No entanto, com base nas leis fonéticas propostas por Coutinho (1972:143), o fenômeno pode ser compreendido como um metaplasmo por aumento (Paragoge), que trata do aumento de um fonema no fim do vocábulo, tal como ocorre com: *ante* + *s* > antes; *cum* + *o* > **como**. (Cf. Carvalho, 1984:36).

Com relação à evolução de *cum* > **com** e suas muitas acepções, Poggio (2002) destaca numerosos autores que se dedicaram a estudar o fenômeno. No entanto, talvez em função das características da pesquisa, (estudo das preposições), a autora nada comenta sobre as ocorrências de *cum* nas condições de conjunções subordinativas: causal, temporal e concessiva; conforme destacadas nos exemplos acima.

Neves (2011:787) desenvolve um longo e exaustivo trabalho sobre as conjunções temporais, mas em nenhum momento o vocábulo **como** aparece nos exemplos citados; para esse fim, existem outras palavras no momento atual: (quando, enquanto, cada vez que), e muitas outras construções. Isto demonstra

ter ocorrido, no interior da língua, um novo rearranjo, e a conjunção **como** deixou de apresentar a noção temporal. Do mesmo modo, ocorre com o sentido concessivo, pois, nas diacronias dos séculos XIII, XVI e em textos atuais, não foi encontrado nenhum exemplo de **como** na condição concessiva.

Mas, se por outro lado, a conjunção *quom* > *cum* > **como** perde a noção de tempo e de concessividade, por outro, ela se fortalece com a noção de causa na sua estrutura simples (*cum*) e nesta forma consegue atravessar todo o seu percurso histórico, do latim ao português atual, conforme será mostrado ao longo desse texto. Por outro lado, a antiga estrutura *quom* une-se a outras partículas, ou então outras partículas vêm juntar-se a *quom*, e novas palavras são constituídas. Exemplos:

Quom + *jam* = *quoniam*; resulta nas locuções causais em português: (já que, depois que, visto que). Ernoud e Meillet, (2001:561), destacam: “**quoniam**: conjunction, d’abord de sens temporel, puis de sens causal.” (**quoniam**: conjunção, antes de sentido temporal, em seguida, passa a sentido causal). Ou seja, houve um tempo que *quoniam* ainda chegou a ter o sentido temporal, mas o mesmo perdeu-se no tempo. Permanecendo, assim, apenas o sentido causal.

Enquanto isso, segundo os mesmos estudiosos franceses “*quondam*: adverbe temporel issu de *quom* + *dam*, ‘à un moment donné’. S’emploie souvent en parlant du passé, ‘autrefois’; quelquefois aussi du futur, cf. Vg. Ae. 6, 877.” (*quondam*: advérbio temporal resultante de *quom* + *dam*, ‘a um momento dado’. Muitas vezes é utilizado falando-se do passado, ‘era uma vez’, ‘antigamente’, algumas vezes, também, é usado no futuro). Ou seja, embora a noção de tempo tenha desaparecido na conjunção *quom* > *cum* > **como**, ela permaneceu no advérbio constituído de *quom* + *dam* > *quondam*: (= outrora, em um certo momento, antigamente, um dia).

Este fato caracteriza o aspecto da “persistência”, conforme assinalam Martelotta (1993) e Gonçalves (2007:83); ambos citando Hopper (1991): “o princípio da persistência é o que prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada.” O princípio de persistência é claramente aplicável à questão indicada acima. Ao perder a noção de tempo, a mesma é recuperada quando a língua recorre a este artifício de composição, (*quom* + *dam* > *quondam*).

Em *O Anfítrion*, de Plauto, existem apenas 6 ocorrências com a palavra *quoniam*, já em *As Catilinárias*, de Cícero, existem 56. Exemplo:

Vocas ad exitium et (ad) vastitatem templa deorum immortalium, tecta urbis, vitam omnium civium, denique Italiam totam. Quare, **quoniam** nondum audeo facere

id quod est proprium et quod est primum huius imperii que disciplinae maiorum, faciam id quod est lenius ad severitatem. Cicero, *As Catilínarias*, (s/d.:28).

(Chamas para o extermínio e [para] a devastação os templos dos deuses imortais, as casas da cidade, a vida de todos os cidadãos, enfim, a Itália inteira. Por isso, **já que** [= **como**] ainda não ousou fazer aquilo que é principal e que é próprio desta [minha] autoridade e da tradição dos antepassados, farei aquilo que é mais brando com relação à severidade).

Enquanto as noções de tempo e concessão desapareceram *na conjunção cum*, a noção causal se gramaticaliza e permanece até os dias atuais, (**como** < *quom*). Isto equivale a dizer que a conjunção subordinativa causal **como**, da língua portuguesa, não se origina do advérbio *quomodo*, mas sim, de um acusativo, centenas de anos mais antigo do que ele. Segundo atesta Laurand, (1921), “quom (cum) accusatif masculin singulier du thème *quo-*,” (a palavra *cum* (*quon*) vem de um acusativo masculino singular de tema em *quo*,) ou seja, de um tema que remete ao indo-europeu. (cf. também, Faria, 1970:239).

Conforme constatado e extraído do texto *O Anfitrião*, quando ocorreu a fusão de *quo + modo*, a conjunção *quom* estava em fase de desaparecimento. Foi verificado também que ao escrever o texto citado, Plauto demonstra certa indecisão quanto à forma de escrever a estrutura *quomodo*, visto que ela, no mesmo texto, ora aparece unida formando uma só palavra, ora ocorre separada. No quadro abaixo está a representação desta ocorrência:

Plauto, séc. II a. C. (texto: <i>O Anfitrião</i>)	
Aparecimento	<i>Quomodo</i> <i>Quo modo</i>
Desaparecimento	<i>Quom</i>

Quadro 2 – séc. II a. C., desaparece *quom* que evolui para *cum*; nesta mesma época aparece a construção *quomodo*.

Segundo o exposto no quadro 2, no texto *O Anfitrião* e nos estudos apontados até aqui, é possível dizer que a palavra *quom* é usada até o século II a. C., quando, então, é substituída por *cum* (conjunção). Nesta mesma época, aparece a construção *quomodo* (advérbio). Este é um dos motivos para não confundir, ou negar a existência de duas estruturas que vão se desenvolver paralelamente, até que ambas passem a ser escritas da mesma forma. Coutinho (1972:270) apresenta a evolução fonética de **como** do seguinte modo: **como** < *quomo* < *quomodo*.

Convém estar atento para a estrutura *quomo*, momento que assinala a síncope do *d* (*quomoo*) e depois, a ocorrência da assimilação das geminadas *oo*. E a partir da estrutura (*quomo*) devem ter começado a ocorrer dúvidas e variações entre o uso da palavra **como** vinda de *cum*, (já existente na língua) e *quomo* vinda de *quomodo*.

Com base no exposto é possível traçar o seguinte quadro semântico da conjunção subordinativa *quom* > *cum*, até o período de Cícero.

	Conjunção		Subordinada
	Temporal	Causal	Concessiva
Plauto, séc. II a. C. (<i>quom</i>)	x	x	x
Cícero, séc. I a. C. (<i>cum</i>)	x	x	x

Quadro 3 - valores semânticos de *quom* > *cum* em Plauto e em Cícero

Tanto em Plauto quanto nos autores do século de ouro da literatura latina, a conjunção subordinativa *cum* ocorre como conjunção temporal, causal e concessiva.

2) Outra origem: *ut* > **como**

Faria, (1995:232), ao tratar das conjunções subordinadas comparativas latinas, expõe: “as principais conjunções comparativas, que ligam orações exprimindo ideia de comparação, são as seguintes: *ut* ‘como’, *sicut* ‘assim como’, *quasi* ‘como se’”. *Sicut* e *quasi*, por serem conjunções compostas, (e de formações muito posteriores a *ut*), não serão tratadas aqui. Contudo, sendo a conjunção *ut* uma das palavras que dão origem a **como**, aqui serão expostas algumas particularidades da mesma, conforme exposição mais à frente, ela chega até os dias atuais na condição de conjunção comparativa.

A etimologia de *ut* é muito vaga, mas segundo Faria (*idem*, p. 233), *ut* é proveniente do ablativo do pronome “relativo-indefinido” *qui* “que perdeu a consoante inicial por simples acidente de sua evolução fonética”. Laurand (1921) acrescenta que a mesma conjunção é resultado de “u + t, -ti (suffixe contenand un t comme αὐτε, ἐτι)”. *Ut* é uma conjunção subordinativa comparativa, sua finalidade é ligar orações que vêm completar o sentido da outra que serve de segundo elemento da comparação. O modo verbal usado é o indicativo, ou seja, o modo da realidade, por isso a comparação ocorre, na maioria das vezes, com frases afirmativas, interrogativas ou negativas. “*Ut sementem feceris, ita metes.*” (Cíc., De Or., 2, 261) “como tiveres semeado, assim colherás”.

Ao longo do tempo da história da língua latina, outras partículas foram agregando-se a *ut*, acarretando a formação dos advérbios latinos *sicut* (=

assim como, do mesmo modo que, desta forma); e *velut* (= por exemplo, como assim, do mesmo modo que, assim como), (cf. Faria, (1962). Algumas destas construções, no português moderno, passaram a ser classificadas como locuções subordinativas comparativas e não mais como advérbios, conforme ocorria à época do latim; portanto, tem-se neste caso, mais uma característica da gramaticalização.

Observo que tanto em Plauto quanto em Cícero existem muitas ocorrências com a conjunção *ut*, fato que comprova a antiguidade do uso da mesma. No entanto, possivelmente, por terem sido criadas após a existência do comediante citado, as duas construções *velut* e *sicut* não são encontradas no texto de Plauto, *O Anfitrião*. Por outro lado, em *As Catilinárias*, de Cícero, discursos escritos mais ou menos 120 anos depois de Plauto, aparecem 25 ocorrências de *sicut* e nenhuma de *velut*. Tais dados fornecem pistas que podem apontar a época em que ocorreu a composição destas duas palavras.

Plauto (251–184 a. C.) escreve em um latim considerado *arcaico*. (Período que se estende do século III ao século II a. C.). Cícero, (106 – 43 a. C.), escreve na época dos grandes círculos literários e dos grandes mecenas, também denominado: período de ouro da literatura latina, é também a época das grandes conquistas e expansões territoriais. É neste contexto que a língua latina também passa por grandes transformações, (Faria, 1970).

Para resumir o que foi dito, talvez por ser o ato de comparar, próprio da natureza humana, a conjunção *ut* é uma palavra de uso comprovado no latim arcaico, e esta noção comparativa perpassa todos os contextos históricos da língua latina, e chega até os dias atuais, não só na língua portuguesa, mas ainda em outras línguas românicas, dentre elas, o espanhol, italiano e francês, conforme atestam Brito *et al.* (2010:221). Desta forma, fica exposto que a noção comparativa presente na conjunção **como** não vem do advérbio *quomodo*, mas sim, de uma outra palavra muito mais antiga: a conjunção comparativa latina, *ut*.

As noções semânticas presentes nas unidades linguísticas *simples ut* e *cum* atravessaram todo o espaço temporal do latim, e permanecem no português contemporâneo.

No quadro seguinte, a conjunção latina *ut* está incluída em outras diacronias que demonstram a persistência, no tempo, das conjunções causal e comparativa.

		Séc. II a. C.	Séc. XIII	Séc. XVI	Séc. XXI
CUM (como)	Causal	X	X	X	X
	Temporal	X		X *	
	Concessiva	X			
UT (como)	Comparativa	X	X	X	X

Quadro 4 – conjunções subordinadas simples que não sofrem alterações com o tempo.

* muito raro encontrar, indícios de desaparecimento.

O quadro 4 ajuda a perceber a existência de duas unidades linguísticas, (*cum* e *ut*), que motivaram a presença de duas palavras **como**, com origens diferentes, e isto ocorre bem antes de acontecer a fusão da construção *quomodo*. Esta palavra, conforme sua evolução fonética resultará em: *quomodo* > *quomo* > **como**. A partir de então passaram a existir *três palavras* idênticas, sendo que duas delas são conjunções: (uma causal e a outra comparativa, e a última, é um advérbio).

O quadro 5, elaborado por Barreto (1999:200), *apud* Rosário (2007:106), aparece um levantamento diacrônico das conjunções conforme se pode constatar:

Como	Séc. XIII	Séc. XIV	Séc. XV	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XX
Modal	x	x	x	x	x	x
Temporal	x	x	x	x	x	
Conformativa				x	x	x
Comparativa	x	x	x	x	x	x
Causal	x	x	x	x	x	x
Finalidade	x			x		

Quadro 5 – valores semânticos de **como** através dos séculos.

O quadro 5, em parte, completa o quadro 4 ou vice-versa. O mais importante é constatar que a conjunção causal e a comparativa seguem uma linha imaginária no tempo, comprovável até o século II a. C., em Plauto; e, possivelmente, até o latim proto-histórico. Isto se deu, possivelmente, porque estas conjunções (*cum* e *ut*) sempre mantiveram a mesma unidade de origem, sem se agregar a nenhuma outra, ou seja, foram unidades simples, e notadamente fortes.

Com relação à formação da palavra **como**, o quadro 5 elaborado por Barreto (1999), difere muito do quadro 4, visto que Barreto leva em consideração a existência, apenas, de uma palavra **como** e originada do advérbio *quomodo*. Enquanto que, conforme tem sido aqui demonstrado, a palavra **como** apresenta

mais de uma etimologia. E, de forma harmônica, ambas estão convivendo na língua paralelamente, a ponto de o usuário não perceber a diferença entre uma e outra.

Conforme visto, existem três palavras homônimas homógrafas perfeitas. **Como**, originado a partir da evolução fonética da conjunção *cum* (primitiva *quom*); **como**, que vem da conjunção subordinativa latina *ut*; e **como**, originado a partir do advérbio *quomodo*. Sendo que, este advérbio **como**, atualmente, está se deslocando para a classe das preposições. Com isso, uma forma estrutural de palavra, na contemporaneidade, aparece ocorrendo em quatro classes de palavras: advérbio, preposição, e duas conjunções (causal e comparativa). A identificação desses pontos de convergências no interior da língua parece desvendar o mistério da estrutura **como**. Ou seja, um grupo de palavras idênticas vai motivar dúvidas no momento de análise, uma vez que pertencem a classes de palavras diferentes. São, portanto, um grupo de palavras homônimas homógrafas, ou homônimos sintáticos¹, e mesmo que elas se organizem sintaticamente de formas diferentes, o usuário da língua tem a impressão de que só existe uma palavra e com a mesma origem.

O quadro a seguir expõe melhor a questão:

Palavras Latinas	Conjunções Subordinativas	Advérbio	Preposição
Quom > cum >	Causal - como		
Ut >	Comparativa - como		
Quomodo >		Como >	Como

Quando 6 – quatro palavras iguais, em três classes de palavras distintas.

3) Outra origem: *quomodo* > **como**

Ao falar da origem dos advérbios, Faria (1995) destaca: “muitos advérbios são simples formas casuais, fixadas em determinados casos fossilizados e que passaram a ser usadas adverbialmente, destacando-se desta forma, do sistema de declinação.” Opinião parecida também é encontrada em Laurand (1921). “Beau-coup d’adverbes sont d’anciens mots variables et l’on peut souvent reconnaître

1 Segundo Biderman (1978:128): “Homônimos são palavras que têm formas idênticas, mas que expressam conteúdos distintos. Em outras palavras: significantes idênticos se referem a significados diferentes.” A autora identifica três tipos de itens homônimos: 1) Homônimos lexicais; 2) Homônimos morfológicos; 3) Homônimos sintáticos, isto é, aqueles que pertencem a classes sintáticas diferentes. Ex.: 1) como (conj. subordinativa); 2) como (advérbio); 3) como (preposição).

de quel cas ils sont tirés”. “Muitos advérbios são primitivas palavras variáveis e nelas se pode reconhecer o caso de onde foram tiradas”. O estudioso francês cita: *unde, inde, bene, male*. Todos são advérbios à época do período clássico latino, *mas, muito antes desse período* foram *antigos ablativos de terceira declinação*. Laurand ainda destaca o ablativo feminino *forte*, de *fors*: (acaso, sorte, fortuna). Cita outros advérbios: *Illic, istic; illinc, istinc*. Estas últimas formas arcaicas de advérbios vão dar origem ao pronome demonstrativo *ille*, (aquele). Dentre tantos outros advérbios apresentados por Laurand há, *quare (qua + re)* “ablativo do pronome relativo *qui* e do substantivo *res*”. É uma palavra composta que, ao ser dicionarizada aparece como conjunção e advérbio; em português, dá origem às palavras: *porque, por que coisa, por que razão, por quê?*, (cf.) Faria (1962:831). Talvez esteja na origem da formação desta palavra os motivos de tantos problemas na hora de usá-la na contemporaneidade, isto é, com diferentes formas em que a mesma é grafada: *porque, porquê, por que, por quê?*

Semelhante ao caso anterior, isto é, a fusão de um ablativo de um pronome singular (*qua*), e um ablativo de um substantivo (*re*); o advérbio *quomodo* resulta da composição de dois elementos de classes de palavras distintas: *quo* < de pronome, e *modo*, que vem de substantivo. Estas palavras compostas (*quare, quomodo*) fornecem um pressuposto de que estão mais propensas a mudanças, com isso é possível dizer que é o advérbio *quomodo* que está se gramaticalizando como preposição. Esta hipótese decorre em função de essa palavra ter um pouco do pronome relativo (*quis*) e um pouco do substantivo (*modus*); e essa natureza híbrida parece motivar a *tendência* para tornar a referida palavra, um elemento coesivo, algo próprio da preposição.

Processos semelhantes ao de *quomodo* podem ser comprovados: *ab + ante* > *avente*; *in + bona + hora* > *embora*; *de + ante* > *diante*; *per + ante* > *perante*; *ad, hac + hora* > *agora*; *in + tunc* > *então*. (cf. Nunes, 1975: 343). Este autor, ao tratar da formação das locuções adverbiais, registra sete ocorrências desse processo de formação: 1º, preposição + nome (substantivo ou adjetivo), ex.: *por fim, sem dúvida*; 2º, preposição + advérbio, ex.: *de onde, a quando*; 3º, processo de formação das locuções prepositivas: dois advérbios, ex.: *não menos, quando menos*; 4º, pronome + substantivo ou advérbio, ex.: *outro si ou outrossim*; (*quomodo* está nesta categoria); 5º, dois pronomes, ex.: *esso meesmo*, (arc = igualmente); 6º processo de formação, ex.: *conjunção + verbo*, ex.: *sequer*. Por último, Nunes chama de “verdadeiras frases” as locuções apresentadas. Ex.: *de quando em quando, hoje em dia*.

Ao tratar das conjunções, Coutinho (1972:269) reconhece existir um “vazio” que ficou nesta classe de palavras por ocasião da passagem do latim

ao português. “Poucas foram as conjunções que o português herdou do latim. Para suprir tal deficiência, recorreu a língua às outras classes de palavras”. E cita Coutinho a classe dos advérbios e preposições como sendo as fontes geradoras de novas conjunções do português. Com isso, é possível observar que não é novidade a passagem de um determinado vocábulo passa a outra classe de palavras. Tratando desta questão, Meillet, (1948), percebe, nesse processo de fazer e refazer da língua, uma espécie de espiral. Assim, ele resume, em poucas palavras, esse longo processo de mudança na língua:

Les langues suivent ainsi une sorte de développement en spirale: elles ajoutent des mots accessoires pour obtenir une expression intense; ces mots s'affaiblissent, se dégradent et tombent au niveau de simples outils grammaticaux; on ajoute de nouveaux mots ou des mots différents en vue de l'expression; l'affaiblissement recommence, et ainsi sans fin.² Meillet, (1948: 140).

Quintiliano, retórico e professor latino, (35 – 95 d. C.), após muitos anos de magistério, notara que: *orthographia saepe mutata est.* (Quintiliano, 1, 7, 11). (A ortografia sempre muda com o tempo). Esta reflexão de Quintiliano demonstra que, naquela época a mudança na língua já era observada.

Esse processo mecânico de construção e reconstrução da língua deixa muito explícito que a mesma nunca está definitivamente pronta; nela há um dinamismo interno que está sempre em funcionamento. Esses desgastes internos das palavras são capazes de lapidá-las até ficar, de cada uma delas, só o núcleo mais forte, (a sílaba tônica); para depois juntar-se a outros núcleos, e assim constituir o moto-contínuo da língua. Esse mecânico e visceral movimento é o que provoca as numerosas formações híbridas. Ex.: *in + bona + hora* > embora; *in + tunc* > então, e, conseqüentemente, a criação e a renovação da língua.

Muitos estudos já foram elaborados em função dessas formações. Por exemplo, a construção *então*, conforme é possível constatar-se na *internet*, tem motivado muitas teses de mestrado. Cada uma delas apresenta um foco específico, mas não se desvincula do processo de gramaticalização, (cf.) Martelotta, (1996:221). Isso demonstra que ainda existem muitas construções a serem estudadas.

2 As línguas seguem, portanto, um modelo de desenvolvimento em espiral; elas reúnem palavras acessórias para obter uma expressão forte, essas palavras enfraquecem-se, degradam-se e caem ao nível de simples partícula gramatical; agrupam-se novamente palavra a palavra diferente, para alcançar determinada expressão; o enfraquecimento recomeça e assim sem fim.

As pesquisas referentes a *então* demonstram que o antigo advérbio *tunc*, mais a preposição, *in* > *intunc* > então; fazem esta nova construção deslocar-se para a classe das conjunções. Ao estudar esse processo, Nunes, (1975:342), expõe: “entre *advérbios*, *conjunções* e *preposições*, não há, em rigor, verdadeira distinção, tendo, na sua origem, a maioria das chamadas conjunções saído dos advérbios e destes as preposições”.

O reconhecimento de que os advérbios dão origem às preposições também é reforçado por E. Bassols de Climent (1956:226 e 225), *apud* Poggio (2002:265). “A maioria das preposições provém de advérbios”. Estas palavras são suficientes para a fixação da hipótese de que, segundo o que foi dito acima, é o *advérbio quomodo que está se deslocando para a classe das preposições*. E razões existem para isso. Uma vez que, conforme o quadro 6, tendo em vista existir um vocábulo **como** na classe das conjunções, não há, portanto, espaços vazios a serem ocupados; assim, não existem motivos para o advérbio *quomodo* > **como**, também se gramaticalizar naquela mesma classe de palavra; restando-lhe, com isso, o caminho natural, que é o de se deslocar para a classe das preposições; e é isto que indicam os dados.

Segundo o que foi mostrado em 1; e em 2, antes de ocorrer a formação da palavra *quomodo*, já existiam *ut* e *cum*. Ambas ocorriam na função de conjunções subordinativas, sendo que a primeira (*ut*) sempre ocorreu como conjunção comparativa e essa característica permanece até hoje; por outro lado, a conjunção (*cum*), à época de Cícero, ocorria tanto como conjunção subordinativa causal, quanto concessiva e temporal. Tendo, com o tempo, predominado a conjunção causal e esta noção de causa permanece até os dias atuais. Por outro lado, *quomodo*, desde a sua formação gramaticalizou-se em advérbios, sendo que este advérbio, a partir de uma data recente, mas impossível de ser determinada, passou a ocorrer, também, como preposição. O quadro 6 visto acima revela esses dados.

O quadro 7 expõe o percurso de (*ut*) e (*cum*), do latim ao português atual, no qual também aparece o demonstrativo do deslocamento do advérbio *quomodo* para a classe das preposições.

LATIM			PORTUGUÊS	
	Conj. subordinada	Advérbio	Preposição	Conjunção
Quom > cum	x			= como
Ut	x			= como
Quomodo		quomodo >	como	

Quadro 7 – funções de *cum*, *ut* e *quomodo* no latim, e o que essas palavras se transformaram no português atual. Ou seja, as duas primeiras se mantiveram como conjunções subordinativas: (*cum* > **como**: causal); (*ut* > **como**: comparativa); (*quomodo* > **como**: advérbio > preposição).

Para concluir, observa-se que (*ut*) e (*cum*), talvez, por serem antiquíssimas unidades simples, (sem composição com outra unidade), permaneceram sempre na condição de conjunção; enquanto a palavra composta *quomodo*, ao longo do tempo, passou por diferentes situações: (ablativo de pronome, ablativo de substantivo, advérbio de modo em latim, advérbio de modo em português e preposição), isto demonstra que as palavras híbridas são mais vulneráveis ao efeito do tempo, em função desse fato, sofrem mais alterações. As dezenas de estudos referentes à construção *então*, e alguns outros com a palavra **como**, podem contribuir para comprovar o que foi dito.

Ainda resta acrescentar que o advérbio interrogativo, em português, na sua origem, não é o mesmo advérbio de modo, (*quomodo*). Portanto, existe ainda outro elemento latino que, nos dias de hoje, provoca o surgimento de outra palavra **como**. Trata-se, portanto, do ablativo *qui* proveniente do pronome *quis*; resultando, portanto, em: *com que? em que? como?*

O quadro abaixo revela as diferentes origens da palavra **como**.

Latim	Conjunções	Advérbios	Preposição
Quom > cum >	Como - causal		
Ut >	Como - comparativa		
Quomodo >		Como (modo) >	
		Como (modo) >	Como
Qui >		Como? (interrogativo)	

Quadro 8 – diferentes origens das palavras **como**

No quadro acima, constata-se que o vocábulo **como** não surge apenas do advérbio *quomodo*, conforme aparece até em algumas gramáticas; na realidade, muitas fontes dão origem a esse padrão de palavras; e as numerosas repetições desses itens, ocorrendo, simultaneamente, em um texto, (em uma redação de aluno), por exemplo, não significa, necessariamente, falta de repertório vocabular, conforme geralmente pensa o professor.

Além dessas duas conclusões, convém observar que as conjunções subordinativas causal e comparativa, excluindo aquelas pequenas alterações fonéticas, não sofreram nenhuma mudança ao longo do tempo, ou seja, essas conjunções usadas nos textos de hoje são as mesmas que foram usadas por Plauto, Cícero,

Virgílio, Santo Agostinho, Camões, Gil Vicente, Machado de Assis. Da mesma forma, o advérbio de modo, também presente nos textos de hoje, é o mesmo que se encontra nos textos de Plauto ou de outros autores daquela época. Assim, é possível dizer, conforme já foi constatado nesse texto, que a palavra **como** tem muitas origens, e cada vez que ela aparece com uma função diferente, é também uma palavra diferente, embora apresente a mesma estrutura na escrita.

Conforme o exposto, a palavra **como**, está, no momento atual, ocorrendo nas seguintes acepções:

- 1) Conjunção subordinativa causal – **como**.
- 2) Conjunção subordinativa comparativa – **como**.
- 3) Advérbio de modo – **como**.
- 4) Advérbio interrogativo – **como**.

E ainda ocorre nas funções de:

- 1) **Conjunção subordinativa conformativa**, (a partir do século XIII).
- 2) **Preposição**: (equivalente a: *no papel de, na função de*)
- 3) **Pronome relativo**: (após substantivo *o modo, maneira* ou equivalentes).
- 4) verbo (primeiro pessoa do verbo comer – **como**).

Desse modo, é possível perceber que, nos tempos atuais, existem várias palavras grafadas de uma única forma, e, possivelmente, tal característica, provocará reflexo na produção textual escolar; porque quando o estudante vai redigir um texto, terá à sua disposição um repertório de palavras não só muito usado, mas também fácil de manusear. Conforme exposto acima, das oito ocorrências do vocábulo **como**, não existe nenhum tipo de variação entre elas, ou seja, **como** é uma palavra uniforme, só tem um tipo de ser escrita, qualquer que seja a classe de palavra ou função usada. Assim, quando o professor pega uma redação para corrigir e encontra várias palavras **como**, na mesma; isso não significa ausência de vocabulário, mas, apenas, facilidade e praticidade no manuseio do item em questão.

Referências

AFONSO X, o Sábio. *Cantigas de Santa Maria*. Edição Crítica preparada por Walter Mettmam. Acta Universitatis Conimbrigenses, 1959, v. I, p. 33, nº 10 das Edições E, T e To.

- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BÖLTING, Rudolf. *Dicionário grego-português*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1941.
- BRITO, Ana Maria; LOHSE, B; NETO, G. O.; AZEREDO, J. C. de. *Gramática comparativa: Houaiss: quatro línguas românicas*. São Paulo: Publifolha, 2010.
- CARVALHO, D. G.; NASCIMENTO, M. *Gramática histórica: para o 2º grau e vestibular*. 14 ed. São Paula: Ática, 1984.
- CÍCERO. *Pro Archia, pro Marcello, pro Ligario*. Trad. Maximino Augusto Gonçalves. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes Ltda. s/d.
- _____. *As Catilinárias*. Trad. Maximino Augusto Gonçalves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes Ltda., s/d.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.
- ERNOUT, A; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire de mots*. Paris: Klincksieck, 2001.
- FARIA, Ernesto. *Gramática da língua latina*. 2 ed. Brasília: FAE, 1995.
- _____. *Fonética histórica do latim*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.
- _____. *Dicionário escolar latino-português*. Rio de Janeiro: MEC, 1962.
- FURTADO DA CUNHA, M. Angélica; OLIVEIRA, M; MARTELOTTA, M. (Org.), *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; (Org.); RODRIGUES, Angélica Terezinha Carmo ... [et al.], *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicados*, São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization, in: TRAUGOTT, E. C. e HEINE, B. (eds.), *Approaches to grammaticalization*, vol. 1. Filadelfia: John Benjamins, 1991.
- LAURAND, L.. *Manuel des études grecques et latines: fascicule VI Grammaire historique latine*, 3ª ed. Paris: Auguste Picard, Éditeur, 1921.
- _____. *Literatura latina*. Tradução de Augusto Magne. São Paulo: Editora Anchieta S/A, 1946.
- LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe latina*. Trad. Alípio R. Santiago de Oliveira, Rio de Janeiro: Vozes, 1961.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Gramaticalização do português do Brasil: uma abordagem funcionalista*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

- _____. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese de doutorado. FL/UFRJ, 1993. Inédito.
- MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. IN: *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, pp – 184, 1948.
- NEVES, Maria H. de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2011.
- NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, 8ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora1, 1975.
- PLAUTO. *Amphitryon*, tradução de ERNOUT, Alfred. 3ª ed., Paris: Les Belles Lettres, 1952.
- POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do Latim ao Português: uma abordagem funcionalista*. Salvador, BA: EDUFBA, 2002.
- ROSÁRIO, Ivo da Costa. *Gramaticalização de até: usos na linguagem padrão do século XIX e XX*. Niterói: Instituto de Letras / UFF, 2007.
- _____. *Aspectos sintáticos e semânticos de como na língua padrão contemporânea* _ Dissertação de mestrado. FL/ UFRJ, 2007. Inédito.
- VICENTE, Gil. *Obras-primas do teatro vicentino*. (org.) Segismundo Spina. 3ª ed., São Paulo – Rio de Janeiro: Difel, 1980.